REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS
ISSN: 2237-6585

A necessidade da Teologia para a História: uma introdução.

The need for Theology in History: an introduction.

Andréia Rosin Caprino Taborda[1]

RESUMO

Neste texto, abordamos a necessidade da relação entre História e Teologia no ambiente acadêmico nacional. Mais precisamente, defendemos a busca do saber teológico por parte da historiografia, conforme o objeto de estudo do historiador ou historiadora, tendo como norte preceitos da interdisciplinaridade. Para tanto, recorremos a autores e autoras pertencentes a diferentes áreas do conhecimento humano, com destaque para aqueles que trabalham numa perspectiva de diálogo. Pensamos que a vinculação ponderada entre a pesquisa historiográfica e a teológica pode resultar em análises enriquecedoras para ambos os lados, especialmente para a História.

PALAVRAS-CHAVE: HISTÓRIA, TEOLOGIA, DIÁLOGO.

ABSTRACT

In this text, we address the need for a relationship between history and theology in the national academic environment. More precisely, we defend historiography's search for theological knowledge, depending on the historian's object of study, taking the precepts of interdisciplinarity as a guide. To this end, we draw on authors from different areas of human knowledge, especially those who work from a perspective of dialogue. We believe that the thoughtful link between historiographical and theological research can result in enriching analyses for both sides, especially for History.

KEYWORDS: HISTORY, THEOLOGY, DIALOGUE.

Introdução

Neste texto abordamos a relação entre a História e a Teologia, áreas do saber situadas na grande área dos estudos humanos. O assunto é resultado da nossa observação

[1] Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED) da UFPR. Atualmente realiza estágio de pós-doutorado junto a esta instituição.

da lacuna de análises acadêmicas de ambos os lados que abordam tal relação; assim, defendemos a produtividade positiva que a pesquisa acadêmica brasileira pode adquirir se considerarmos com maior afinco o imbricamento de tais conhecimentos.

Em uma busca entre livros e plataformas digitais, dificilmente se encontra o tema da relação entre História e Teologia. O sentido do uso de "História" aqui se refere à História acadêmica, à escrita da História e historiografia, e não aos fatos e narrativas em si. A acepção de "Teologia" diz respeito ao estudo da "Palavra" do Deus judaico-cristão "revelada" nas *Escrituras Sagradas* ou *Bíblia*. Considerando o exposto, uma possível justificativa para tal ausência seja o entendimento da primeira como ciência (ou, no mínimo, um saber acadêmico) e da segunda como um saber vinculado às denominações religiosas cristãs. De fato, grande parte das faculdades de Teologia no Brasil está conectada às denominações religiosas que cada uma delas possui. Outra possível razão, e interligada à anterior, é que são poucas universidades renomadas em solo nacional que possuem o curso de Teologia. Sendo assim, existem ressalvas, e por vezes negação, da aproximação da História em relação à Teologia, mesmo quando ela se faz necessária, para não dizer imprescindível, a depender do objeto de estudo. O resultado disso é a aparição, em alguns momentos, de sentenças equivocadas e/ou superficiais por parte da análise historiográfica, algo que poderia ser remediado com o estudo e consulta a uma boa teologia. Vale mencionar que há boa e má produção de teologia, assim como há boa e má Literatura de Medicina, Engenharia ou História. Além disso, não devemos avaliar uma obra ou linha de estudo teológico unicamente por sua confessionalidade, mas por seu rigor acadêmico.

Por outro lado, nota-se o desconhecimento e o descuido em parte da bibliografia teológica no que tange às pesquisas históricas, o que leva, igualmente, a afirmações reducionistas e descontextualizadas, comprometendo certas análises. Agora, dois destaques devem ser feitos: o primeiro é que a ideia exposta não generaliza todo o campo da História ou todo o campo da Teologia como negligentes um em relação ao outro. O segundo é que cada uma das duas áreas possui as suas especificidades, e isso é salutar; não devemos buscar a superposição de uma quanto a outra ou mesmo a junção de ambas. O intuito é a reflexão sobre a necessidade de elas dialogarem sempre que possível e pertinente, tendo-se em mente, mais uma vez, o objeto de estudo.

A conversa entre saberes diferentes é importante em toda inciativa de pesquisa. Na realidade, a separação estrita que há entre eles são realizações artificiais, no sentido de

que os homens separaram campos de estudo, dentro dos quais há diversas especializações, a fim de otimizar as investigações. Tal empreitada é positiva, mas essas fronteiras podem e devem ter seus limites ultrapassados quando o diálogo resultar em crescimento para cada campo.

***

"De alguma maneira, podemos dizer que a História constitui o mais interdisciplinar dos saberes", afirma o historiador José D'Assunção Barros em uma palestra realizada no dia 18 de novembro de 2013 na Universidade Nacional de Brasília[2], ocasião em que a discussão sobre a Metodologia da História era um dos grandes eixos do Encontro. Barros apresenta ali abordagens e sugestões interessantes do trabalho interdisciplinar da História com a Música, a Literatura e a Mídia. O autor defende que

> toda disciplina envolve certas instâncias que são comuns a todos os campos do saber: Teoria, Metodologia, as especificidades de um discurso, uma rede de praticantes do campo de saber em questão, as singularidades que a definem, certo campo de interesses que podem se confrontar ou se interpenetrar com o de outras disciplinas, e assim por diante[3]

Ao final da apresentação, o palestrante questiona: "Que novas modalidades historiográficas ainda estão por ser geradas e desenvolvidas de agora e do futuro? Quais novas interdisciplinaridades se fortalecerão no diálogo da História com outros campos do saber?"[4]. Pensamos que uma opção importante é exatamente a da História com a Teologia, relação que não é inédita, mas merece mais e novos olhares.

Ambas as áreas possuem um atrelamento de longa duração, seja de convívio pacífico ou de atritos. Essa interpenetração pode remontar ao período antigo, passando pela tardo-antiguidade e medievo, momento no qual a criação das universidades começa a configurar uma ideia mais precisa de "Teologia". Contudo, não é a nossa tarefa aqui fazer um apanhado geral histórico a esse respeito. Ainda assim, é importante apontarmos a precedência de tal relação, cujas tentativas de definição e fluidez na diacronia histórica chegam até nós. Mais precisamente, é difícil pensarmos na relação dessas "áreas do saber" na época que antecede o período iluminista, já que elas estavam imbrincadas de uma

[2] BARROS, José D'Assunção. Teoria e Metodologia da História: antigas e novas interdisciplinaridades. UnB, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321151485_Teoria_e_Metodologia_da_Historia_antigas_e_novas_interdisciplinaridades Acesso em 22/08/2024
[3] *Ibid*, p.14.
[4] *Ibid*, p. 32.

maneira bastante distinta do que foi sendo construído pelos "pressupostos da razão" oitocentista. De maneira geral, as duas – junto a outros saberes - diziam respeito à formação do ser humano de forma integral, em contato com o "Deus criador"[5].

Partindo da configuração historiográfica do século XX, da qual uma das ramificações foi a História cultural, a ideia de "religião" talvez tenha sido mais bem apreendida pelos historiadores e os demais cientistas humanos, em detrimento do termo "Teologia". Isso porque o "estudo sobre Deus" não é objeto do historiador/da historiadora, mas sim a manifestação da crença dos homens e mulheres em seu cotidiano e em várias esferas da vida.

Sob o ponto de vista da história das religiões, Eliane Moura da Silva defende a chave interpretativa cultural para o estudo das religiões, no artigo "Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões"[6]. O trecho a seguir, cujas afirmações estão relacionadas a autores da chamada Escola Romana de História das Religiões[7], é uma das passagens do texto que demonstra a sua argumentação:

> Não é possível aceitar a explicação de uma interpretação religiosa da religião: há que distinguir a historiografia religiosa da visão religiosa e, sobretudo, jamais negar ou ocultar a história. A dimensão temporal é o pano de fundo das tramas simbólicas das religiões, dos mitos, dos ritos que sempre são fenômenos culturais. O homem está na história mesmo quando pretende se evadir dela. Sua visão de mundo se resolve na realidade histórica, nas manifestações humanas. A história das religiões se move para as questões culturais e para a consciência historicista da vida religiosa, cuja tarefa científica e cultural consiste em desvelar as razões humanas transformadas em vida religiosa ou manifestações divinas[8].

---

[5] A premissa da separação entre fé e ciência/razão a partir sobretudo do Iluminismo pode ser questionada por vários motivos. Um exemplo é como um dos precursores do "Século das Luzes", Isaac Newton, é referenciado na contemporaneidade: enquanto físico, astrônomo ou matemático, mas dificilmente como teólogo. "A filosofia natural e a teologia de Newton formam, e sempre formaram, uma unidade muito mais compacta do que pode parecer à primeira vista" (REÍLLO, José Manuel Cañas; GÁZQUEZ, Joaquín José Sánchez. Teología y Biblia en Isaac Newton: pensamiento teológico-filosófico. Su producción sobre Teología e Historia de la Iglesia. *Humanistica Lovaniensia. Journal of neo-latin studies*. Vol. LXV, Leuven University Press, 2016, p.346-347). Reíllo é crítico textual e especializado em Filologia grega e latina; Gázquez também é crítico textual e trabalha com Filologia latina. O primeiro se dedicou aos estudos da *Vetus Latina* e da *Septuaginta* e nos últimos anos tratou da epigrafia medieval e renascentista. No artigo citado, os autores apontam a produção de estudos inovadores que demonstram a cosmovisão (o pensamento teológico-filosófico) de Isaac Newton, principalmente em relação à história da Igreja no século quatro e ao arianismo.

[6] SILVA, Eliane Moura da. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. *Revista de Ciências Humanas*, V. 11, n. 2. Viçosa: 2011.

[7] Para uma visão panorâmica sobre o desenvolvimento dos estudos da História da religião/das religiões nos últimos séculos, consultar BELLOTTI, K. K. História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. História: Questões & Debates, n. 55. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

[8] SILVA, Eliane Moura da. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. *Revista de Ciências Humanas*, V. 11, n. 2. Viçosa: 2011, p. 229.

De maneira semelhante, Jacques Leenhard propõe um estudo metodológico das religiões que parta da análise dos rituais, simbologias e gestos intrínsecos a cada uma delas e, necessariamente, segundo ele, precedentes ao registro escrito considerado sagrado, como no judaísmo, cristianismo e islamismo. A sua abordagem tem por base um olhar sociológico, área de sua formação, além de ser filósofo. O autor traz a perspectiva de que não se deve partir dos textos considerados sagrados para estudar uma religião, sendo "religião" entendida da seguinte forma:

> É mais em uma inquietude sempre recomeçada relativa ao sentido da vida, da morte, de nossa presença e fraqueza neste mundo que se expressaria finalmente aquilo que chamamos de "religião". Essa se definiria então como o conjunto constituído pelos rituais destinados a moderar o poder e as retomadas simbólicas que lhes são diretamente ligadas. A religião é então essencialmente uma atividade simbólica dos homens a se interrogar sobre a legitimidade e a eficácia dos gestos, dos sinais e das palavras sagradas, destinados a garantir a eficiência de suas práticas e a validar a observância do ato religioso[9].

Segundo esses estudiosos, a religião, ou as religiões, é uma atividade humana em direção a "algo maior", a uma força, a um deus que possa auxiliar o ser humano em sua fraqueza e limitação. É um aspecto muito relevante pertencente aos indivíduos e grupos sociais, que lhe concedem identidade. De acordo com a historiadora Cristine Fortes Lia[10], o estudo das religiões não recebe a devida atenção e é muitas vezes mal abordado. Nos livros didáticos, por exemplo, as religiões são apresentadas de forma cronológica, com tom exótico e como anexo. Segundo a autora, é preciso elaborar uma construção histórica do estudo das religiões que não seja dogmática e nem promova hierarquização entre as mesmas, que produza respeito a partir do conhecimento do passado e trate das ligações e contatos interreligiosos. Lia se opõe à ideia de que vivemos em uma sociedade secularizada, que não precisa pensar sobre o aspecto religioso, pertencente apenas ao passado. Assim como no passado as sociedades se organizavam e formavam identidades a partir de preceitos religiosos, ainda hoje formamos grupos identitários, mesmo quando as bases não são propriamente religiosas. É o caso por ela apontado, por exemplo, da criação de templos ateus, que reúnem pessoas com ideias em comum. O papel do estudo das religiões seria, então, perceber as identidades formadas a partir de bases em comum,

[9] LEENHARD, Jacques. Caminhos teóricos para o estudo das religiões. *Revista Brasileira de História das Religiões,* ANPUH, ano V, n. 14, 2012, p.9.
[10] LIA, Cristine Fortes. História das religiões e religiosidades: contribuições e novas abordagens. *Aedos*, n. 11, vol. 4, 2012.

sendo que os diferentes grupos acabam interagindo entre si, de alguma maneira. A visão da estudiosa é negativa quanto à produção de raiz historiográfica no cenário nacional. Talvez a sua abordagem sobre a formação de identidades a partir dos elementos religioso e não-religioso seja uma solução por ela proposta para fazer frente à situação brasileira, quando exposta pouco mais de dez anos atrás.

> O campo da história produziu muito pouco, em nível conceitual, sobre as abordagens religiosas. Em decorrência disto, é possível evidenciar que a historiografia brasileira recente vem produzindo análises dos processos religiosos e seus impactos nas diferentes formações sociais através da reprodução de conceitos, em especial, da antropologia, da filosofia e da sociologia […] Além da fragilidade de base conceitual, o campo de estudos historiográficos sobre religiosidades no Brasil apresenta um significativo atraso se comparado aos estudos realizados na Europa sobre o tema[11].

De fato, a história cultural das religiões utiliza conceitos de outras áreas do conhecimento, algo que não é estranho no campo científico. Nicola Gasbarro, antropólogo italiano de referência e pertencente à Escola de Roma, trata do estudo comparado das religiões, e apresenta em uma conferência a diferença entre ortodoxia e ortopraxia na esfera religiosa[12]. Ou seja, a prática da fé é diferente do dogma estabelecido. A perspectiva do estudo cultural das religiões usa conceitos (também) antropológicos, como o de "representação" e "simbologia" para analisar práticas socioculturais de determinada religião e percebe, a partir disso, como ela modifica seus pressupostos iniciais, o que leva, por sua vez, à desconstrução de ideias consolidadas, como a de superioridade de uma religião em relação às outras. Isso se aplica sobretudo às crenças de cunho monoteísta, que possuiriam como prerrogativa a cosmovisão de progresso e intenção civilizatória. Em paralelo, estuda-se a vivência de diversas camadas da população em detrimento de apenas os "arautos" do cristianismo, islamismo ou judaísmo, os quais seriam os guardadores da ortodoxia, cada qual da sua religião. As "pessoas simples", os "pobres", os indivíduos mais ou menos desligados de instituições formais

[11] *Ibid*, p. 549-550.

[12] GASBARRO, Nicola. Il monoteísmo e il fondamentalismo del pensiero. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Religiões e Religiosidades em (con)textos: Conferência e mesa do Simpósio Sudeste da ABHR / Simpósio Internacional da ABHR: diversidades e (in)tolerâncias religiosas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, Apud PETERS, José Leandro; SANTOS, Cecília Marcelini. O dogma e a fé: práticas religiosas populares no catolicismo reformado. *Revista Ponto de Vista*, n. 10, vol. 1, 2021 e PETERS, José Leandro. A história das religiões no contexto da História Cultural. *Faces de Clio*, v. 1, n. 1, 2015.

são os que demonstrariam a "real" prática de determinada fé, bastante destoante daquilo definido como o correto e verdadeiro.

Existem, sim, práticas múltiplas que se desviam do que é estabelecido inicialmente como o correto, mas o fato de haver distorções nas experiências cotidianas em relação ao proposto originalmente não invalida a consideração do aspecto teológico textual. Ao contrário, um olhar atento aos "livros sagrados", especialmente ao *Antigo* e *Novo Testamento*, revelaria que eles não constituem apenas a junção de preceitos e regras, mas apontam desvios e adaptações cometidas pelos homens em relação ao que Deus estabeleceu.

Virgínia Albuquerque de Castro Buarque propõe uma via diferente da apresentada até então, que merece ser considerada. No trabalho denominado "A especificidade do religioso: um diálogo entre historiografia e teologia"[13]. Buarque possui todo o seu curso formativo em História, tendo produzido uma tese sobre historiografia religiosa dos séculos 19 e 20. O seu interesse teológico foi academicamente confirmado pelos dois estágios de pós-doutorado que realizou nessa área. Trabalhou a interface História-Teologia até aproximadamente dez anos atrás. Atualmente, está mais envolvida em projetos interdisciplinares da História com a Música, área em que também é formada.

No texto citado, a autora se volta à análise da religião cristã e destaca a necessidade da retomada do estudo da história das igrejas cristãs sob o ponto de vista teológico, em contraposição à abordagem da História e das Ciências Humanas no geral que se desenvolve desde o século 19, a qual apreende o estudo religioso incorporando-o quase exclusivamente ao campo cultural e mental da História. A ideia de Buarque não é qualificar isso como bom ou ruim, mas atentar a esfera acadêmica para a necessidade de considerar particularmente – não exclusivamente - o campo religioso quando a pesquisa tiver por enfoque o elemento religioso, conforme ressalta: "… a conferência de uma relevância hermenêutica à especificidade da fé eclesial na reconstituição da historicidade do cristianismo pode viabilizar criativas respostas da produção científica…"[14].

Em contrapartida, a metodologia da História é salutar para o melhor entendimento a respeito do objeto em questão, que é a história das igrejas cristãs. Dessa maneira, a autora apresenta os métodos através dos quais poder-se-ia desenvolver a análise[15].

[13] BUARQUE, Virgínia A. Castro. A especificidade do religioso: um diálogo entre historiografia e teologia. *Projeto História*, n.37. São Paulo: 2008.
[14] *Ibid*, p.61-62.
[15] *Ibid*, p.62.

O historiador Francisco José Silva Gomes já havia refletido sobre tal questão de maneira semelhante à Virgínia Buarque, expondo que:

> O religioso é um objeto histórico específico, não se pode diluí-lo numa história econômica ou social como aconteceu nas décadas de 60 e 70 ou como ocorre, por vezes, na atualidade, quando a história das mentalidades ou a história cultural têm a ambição de englobar, sem mais, a História religiosa […][16].

A teóloga Maria de Lourdes Correa Lima trabalha a relação entre História e Teologia a partir de uma reflexão sobre a exegese bíblica. Apesar de a autora trabalhar com uma perspectiva da História mais voltada aos fatos e a sua narrativa, são pertinentes as colocações que apresenta quanto à esfera de ação do campo histórico e o da interpretação bíblica:

> Se não se pode interpretar a Escritura a partir da perspectiva de busca de um concordismo entre texto e ciência histórica, tampouco exegese e ciência histórica se encontram necessariamente em contraste. A justa medida parece encontrar-se na delimitação do método e da competência de cada uma e da integração entre as duas no respeito às suas peculiaridades. A finalidade da exegese exige que a ciência histórica lhe seja complementar e auxiliar – e não princípio hermenêutico. A finalidade da ciência histórica – caso ela se interesse pelo antigo Israel ou pelo Cristianismo primitivo – exige que os textos bíblicos, embora carregados de condicionamentos históricos, sejam considerados dentro da finalidade segundo a qual foram escritos (religiosa, não científica). Tal delimitação não cria necessariamente uma dicotomia, uma vez que não parte de uma contraposição, mas é condição de possibilidade, ao mesmo tempo que demarcação de competências, para o aprofundamento seja da exegese seja da ciência histórica no âmbito das sociedades que estão por trás da Escritura[17].

A posição de Lima é interessante porque limita as competências tanto da História quanto da Teologia, ao mesmo tempo que defende a interação entre elas. O seu lugar de fala refere-se principalmente ao setor teológico, portanto é natural que a discussão gire sobretudo nesse ambiente. Assim, um importante princípio hermenêutico para o estudo bíblico – e para quaisquer outras áreas que utilizam o texto para se comunicar - e que é salientado no seu artigo diz respeito a entender o texto dentro do seu contexto imediato. Tal condição está diretamente relacionada à observação de onde parte o texto, ou seja, de quem o produziu. Para a interpretação bíblica, é essencial observar que se trata de uma

[16] GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da História. In: LIMA, Lana L. da Gama et alli. História & Religião. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, apud BUARQUE, Virgínia A. Castro. A especificidade do religioso: um diálogo entre historiografia e teologia. Projeto História, n.37. São Paulo: 2008, p.54.
[17] LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. História e Teologia. Reflexões na perspectiva da exegese bíblica. *Atualidade Teológica*, n.43, 2013, p.110.

escrita religiosa. Apesar de parecer óbvio, há tentativas que buscam compreender esse texto religioso a partir de premissas não religiosas; em outras palavras, não consideram a finalidade da escrita. Consoante ao exposto, Lima explica:

> É patente que o método de investigação utilizado por uma ciência deve ser adequado ao seu objeto. Deixando de lado, no momento, a questão da realidade sobrenatural do evento, cuja resposta positiva pressupõe a aceitação do sobrenatural e da possibilidade de sua relação com o mundo, é de se considerar que, na exegese de um texto, tem a primazia sua específica visão de mundo – e não um pressuposto, de qualquer natureza, externo a ele. Isto significa que a primeira pergunta não é se o texto reporta ou não elementos históricos ou científicos atendíveis […], a pergunta, neste âmbito, é sobre a lógica interna do texto e seu contexto ideológico. Por outro lado, se os textos bíblicos surgiram em comunidades de fé, como expressão da fé que se acreditava ser revelada, uma leitura que elimine a priori a possibilidade do sobrenatural (em si ou de sua manifestação) não se apresenta como adequada à sua compreensão. A pressuposição da fé, nesse caso, não falseia o conhecimento, mas é condição de sua possibilidade[18].

Os teólogos N.T. Wright e Michael F. Bird realizam um trabalho importante sobre a relação entre Teologia, História e Literatura na obra recentemente traduzida ao português, "O Novo Testamento em seu mundo: uma introdução à história, à literatura e à teologia dos primeiros cristãos"[19]. Os autores apresentam a figura de Jesus Cristo dentro do seu contexto neotestamentário aliada à percepção que este possuía de si, de acordo com uma das linhas de pesquisa sobre o "Jesus histórico". É uma obra de caráter que excede o ambiente acadêmico, a qual possui a intenção de dialogar com um público mais amplo, ao mesmo tempo em que guarda o rigor científico característico da produção de ambos os eruditos. Dessa maneira, o objeto de estudo de tal escrito – o Novo Testamento em seu mundo - é analisado a partir de uma abordagem multidisciplinar, em uma dinâmica que considera o contexto mais imediato e o contexto mais amplo paralelamente, ainda que possua pressupostos do ambiente teológico do qual emerge, premissa presente em qualquer trabalho científico.

Herman Northrop Frye é outro intelectual – já falecido – que alia diferentes conhecimentos a fim de estudar a *Bíblia* e a sua composição. Mais crítico literário do que teólogo, é notadamente reconhecido pela obra "Anatomia da crítica: quatro ensaios", na qual trabalha com arquétipos e simbologias. Pontuo aqui, porém, "O grande código: A

[18] LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. História e Teologia. Reflexões na perspectiva da exegese bíblica. *Atualidade Teológica*, n.43, 2013, p.107.
[19] WRIGHT, N.T; BIRD, M.F. *O Novo Testamento em seu mundo: uma introdução à história, à literatura e à teologia dos primeiros cristãos*. Thomas Nelson Brasil, 2024.

Bíblia e a literatura – Volume 1[20] e "O poder das palavras: A Bíblia e a literatura – Volume 2"[21]. Com destaque para o segundo livro, um dos importantes argumentos é que, para entender a Bíblia, o conhecimento literário é indispensável, já que ela foi escrita ao longo de aproximadamente 1500 anos em várias línguas, tipologias e gêneros, que estão associados à sua cultura. A metáfora assume um papel de preponderância, pois, segundo o autor, a *Bíblia* só pode ser compreendida através dela. Tal colocação está inserida no postulado de a língua se utilizar de metáforas constantemente, para que as pessoas se entendam; se nos comunicamos, descrevemos coisas etc., é porque fazemos uso de metáforas, as quais excedem as palavras, os conceitos e as estruturas gramaticais. Nesse sentido, a metáfora não deve ser entendida como mentira.

> O prestígio das palavras "verdade" e "fatos" fez com que o modo descritivo de escrita viesse a ser considerado o mais fundamental e essencial entre todos os modos, e também como aquele que sustenta todos os outros em organizações hierárquicas. O descritivo é o sentido literal tradicional, em que as palavras têm a função de transmitir o não verbal. Já muitas vezes comentei sobre o que há de ilógico na palavra "literal", e sobre como é absurdo supor que na Bíblia, por exemplo, o sentido literal (descritivo) deve ser fundamental, já que a Bíblia não poderia ser verdadeira sem ele. Na Bíblia não há um nível descritivo de significado que seja contínuo ou plenamente desenvolvido, e a Bíblia seria uma anomalia grotesca se assim o fosse. Essa dificuldade com a palavra "literal" foi reconhecida bem cedo, embora ela tenha sido suprimida por uma censura preocupada com as ansiedades acerca da verdade mencionadas acima. No todo, as técnicas descritivas contínuas na escrita são posteriores à Bíblia, pois dependem de certos desenvolvimentos sociais e tecnológicos que demoraram um longo tempo para adquirir plena funcionalidade[22].

Em uma via semelhante, Paul Ricoeur aborda a linguagem e a comunicação escrita enquanto necessariamente usuárias de elementos simbólicos e metafóricos. A sua reflexão é muito bem sintetizada por Fernando Nicolazzi no trecho a seguir:

> Mais do que uma limitação, Ricoeur enxerga nesta distância [entre enunciado e referência] a possibilidade de se pensar como dimensões autônomas, ainda que imbricadas entre si, a dimensão do autor, a dimensão do texto, e a dimensão do leitor. E é justamente em função desta relativa autonomia entre os três elementos que a tarefa interpretativa pode encontrar espaço: interpretar, nesse sentido, não equivale apenas a encontrar ou reencontrar as intenções do autor por detrás do texto, tampouco desvelar neste algum sentido oculto por

[20] FRYE, Northrop. O grande código. A Bíblia e a Literatura. Vol. 1. Campinas: Editora Sétimo Selo, 2021.
[21] FRYE, Northrop. *O poder das palavras: A Bíblia e a Literatura*. Vol. 2. Campinas: Editora Sétimo Selo, 2022.
[22] Ibid, p.32.

> detrás das palavras. Para Ricoeur, "o direito do leitor e o direito do texto convergem numa importante luta, que gera a dinâmica total da interpretação. A hermenêutica começa onde o diálogo termina". Assim, antes de limitar a experiência, a linguagem escrita possibilita um enriquecimento dela: "o apagamento da referência ostensiva e descritiva liberta um poder de referência para aspectos do nosso ser-no-mundo que não se podem dizer de um modo descritivo direto, mas só por alusão, graças aos valores referenciais das expressões metafóricas e, em geral, simbólicas"[23].

Para Ricoeur, a ideia apresentada está conectada ao trabalho historiográfico, que é construído também sobre o alicerce interpretativo. O autor é um exemplo importante da interconexão entre a Filosofia, a História, a Literatura, a Psicologia e outros saberes humanos, além das suas reflexões sobre o cristianismo, particularmente o de cunho protestante.

Considerações finais

Após essas colocações, gostaríamos de frisar a importância das particularidades de cada área de estudo, o que é benéfico e produtivo sempre que realizado com diligência. O intuito, igualmente, não é mesclar o conhecimento e "tudo ser entendido como uma coisa só". Acreditamos que é possível partir de um questionamento pertencente a determinada área de estudo, conversar com outras esferas do saber, e retornar à especialidade inicial com reflexões e resultados. O maior desafio talvez seja, quando se está nesse "meio do caminho", encontrar o equilíbrio entre a especificidade original (a área de estudo da qual se parte) e as reflexões provenientes de outros campos, na tentativa de adentrar a essas realidades. Outras estratégias podem ser elaboradas, desde que não sejam rígidas com os limites de interação. Na realidade, o percurso metodológico e teórico dependerá do que é proposto em cada pesquisa.

Quando o objeto de estudo for teológico e/ou bíblico (ou se este tiver um papel fundamental), seria valioso considerar as áreas especializadas nesses estudos, não somente como uma rápida consulta, mas na tentativa de entender "de dentro" as interpretações oferecidas para certas questões. O propósito não é confundir objetos, já que, pensando especificamente na História e na Teologia, os territórios são distintos, mas

[23] NICOLAZZI, Fernando. In: *Os historiadores clássicos da História, de Ricoeur a Chartier*. Vol. 3. Maurício Parada (org.). Vozes: PUC-Rio, 2014, p.24. As citações de Ricoeur referidas pelo autor advém de uma conferência pronunciada pelo francês na Universidade Cristã do Texas, em 1973, intitulada "Interpretation theory: discourse and the surplus of meaning", a qual foi publicada pela Texas Christian University Press, em 1976. Foi traduzida ao português com o título "Teoria da interpretação: O discurso e o excesso de referência", em Lisboa pelas Edições 70.

sim aventar a possibilidade de a nossa análise historiográfica – que por vezes é exclusiva ao longo de todo o percurso – não ser tão científica quanto arrogamos. Se conhecermos melhor o saber teológico e suas diferentes vertentes talvez possamos desassociá-lo da ideia de que a sua essência é superior e o seu objetivo é civilizatório.

Dessa maneira, é preciso estudarmos não apenas a religião/as religiões, com as suas práticas culturais e arranjos sociais – algo altamente produtivo -, mas também procurar entender o aspecto teológico. Aí o texto ganha proporção, com a busca pela Literatura, Filologia, Filosofia, etc. É importante lembrarmos, ainda, que o diálogo não pressupõe necessariamente a concordância entre dois ou mais campos do saber, mas depreende o debate, o confronto, a aproximação e, como consequência, o desenvolvimento saudável de cada instância do conhecimento e delas conjuntamente.

É claro que não alcançaremos a perfeição em qualquer estudo que seja, mesmo se a interdisciplinaridade ou a multidisciplinaridade fosse aplicada com maestria; inclusive esse não é o objetivo das ciências. Entretanto, precisamos continuar aprimorando as investigações historiográficas, com a consideração da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia, da Linguística, entre tantas outras áreas, e da Teologia.